



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

PESQUISAS COM CRIANÇAS: DA DESCONFIANÇA À ACEITAÇÃO. RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE PESQUISADORA, CRIANÇAS E SUAS EDUCADORAS

Jeane Costa Amaral

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar como se deu as relações sociais iniciais entre a pesquisadora, as crianças e as educadoras, em uma investigação maior que ouviu o que as crianças de três a quatro anos tinham a dizer a respeito do cuidar/educar na creche nas práticas educativas das suas educadoras, desenvolvida entre 2013-2015, em uma creche pública de Aracaju- SE. Efetivamente passamos 08 meses frequentando sistematicamente a creche pesquisada e neste período ouvimos 25 crianças entre três e quatro anos. Percebeu-se durante a pesquisa e a partir das leituras de teóricos a respeito da escuta de crianças em pesquisa que a entrada de campo é um momento metodológico importante que deve ser planejado e buscar efetivamente uma aproximação com todos os envolvidos no campo da pesquisa, além de aproximar-se das crianças de maneira gradativa e comprometida, respeitando seus tempos e estando alertas aos sinais de aceitação que elas ao longo do tempo vão revelando através de suas ações para com o pesquisador.

PALAVRAS-CHAVE: Criança, Pesquisacom crianças, Escuta de crianças.

INTRODUÇÃO

Para todo e qualquer pesquisador social o impulso de conhecer a fundo algo, de desvendar o objeto de interesse, de aprofundar-se em seu campo de pesquisa, são características fundamentais para que se garanta a fidedignidade da pesquisa. Mas em tratando-se de pesquisas com crianças em contexto, é necessário um investimento maior por parte do pesquisador no intuito de adentrar e participar do ambiente da pesquisa facilitando assim a uma imersão no campo investigado e sua relação social com os integrantes da pesquisa.

Em pesquisas *com* crianças e não *sobre* as crianças a aproximação com o campo, a imersão no espaço e a interação estabelecidas entre o pesquisador e os integrantes da



pesquisa é fundamental para o sucesso da investigação. Sem as relações sociais terem se estabelecido, ficará difícil a escuta verdadeira e espontânea das crianças.

O presente trabalho tem o objetivo mostrar como se deu as relações sociais iniciais entre a pesquisadora, as crianças e as educadoras, em uma investigação maior que ouviu o que as crianças tinham a dizer a respeito do cuidar/educar¹⁴¹ na creche nas práticas educativas das suas educadoras, desenvolvida entre 2013-2015, em uma creche pública de Aracaju- SE. Efetivamente passamos 08 meses frequentando sistematicamente a creche pesquisada e neste período ouvimos 25 crianças entre três e quatro anos colocando-as como parceiras na investigação e reconhecendo-as que elas são sujeitos sociais produtores de conhecimento, buscando ouvi-las tanto na perspectiva analítica, quanto interpretativa, o que vem de encontro com as metodologias tradicionais de investigação, que tentam compreender a criança sem ouvi-la, denominando-as como simples objetos de estudos (CORSARO, 2004, 2005; CRUZ, 2008; LEE, 2010; PROUT, 2010).

A esse respeito, Soares et al. (2004, p. 2) ampliam nosso argumento quando explicam que:

Considerar a participação das crianças na investigação é um passo decorrente da construção de uma disciplina das ciências sociais que procura “ouvir a voz das crianças”, isto é, que assumem que as crianças são actores sociais plenos, competentes na formulação de interpretações sobre os seus mundos de vida e reveladores das realidades sociais onde se inserem.

¹Segundo Kramer (2006, p. 74-76), o chamado binômio cuidar/educar tornou-se não só o objetivo da educação de crianças de zero a cinco anos (após a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil, em 2009), mas, também, a sua especificidade, afirmando que tais práticas são indissociáveis. O discurso dos documentos oficiais que regem a organização da educação coletiva de crianças incorporou o cuidar/educar como um conceito que define os termos como inseparáveis. Entretanto, há textos que mencionam o binômio cuidar/educar, supondo, com o uso da barra inclinada(/), tratar-se de um só processo; outros textos se referem ao educar e cuidar utilizando-se a conjunção aditiva, separando o binômio em duas dimensões distintas. Em nossa pesquisa utilizamos o cuidar/educar, com o uso da barra inclinada (/) para reafirmar que entendemos que essas práticas devem acontecer de forma indissociável, acompanhando a tendência dos escritos oficiais atuais, mesmo sendo esta uma expressão que contraria as regras cultas gramaticais da Língua Portuguesa porque os dois verbos possuem regências diferentes.



Os autores citados esclarecem ainda que:

A investigação é assim considerada como um processo de participação social, no qual é fundamental considerar um equilíbrio mutuamente possível, de autonomia, cooperação e hierarquia com e entre pessoas, sendo a tomada de decisão partilhada entre todos os parceiros do processo de investigação (SOARESet al. 2004, p. 8).

Nesse sentido, buscamos uma metodologia investigativa com as crianças que contemplasse instrumentos metodológicos que as considerassem socialmente ativas, tendo como foco a premissa de que elas possuem competências para falar sobre experiências e eventos sociais que lhes dizem respeito (ALDESON, 2005).

Com essa compreensão, consideramos a investigação etnográfica a orientação metodológica mais indicada para a realização de pesquisas com as crianças (GRAUE e WASH, 2003; CRUZ, 2008; FARIA et al., 2009; ZAGO et al., 2011; CORSARO, 2011), principalmente, quando se quer alcançar a perspectiva delas e que foi adotada pelo durante todo o estudo.

Segundo Corsaro (2011), a etnografia possibilita a construção de dados empíricos, obtidos através da imersão do pesquisador nas formas de vida dos grupos. Na opinião do referido autor, o pesquisador precisa sentir-se partícipe daquele espaço, pois a aceitação dele pelos sujeitos integrantes do estudo é algo fundante para a realização da pesquisa.

Sarmiento (2004) amplia o argumento quando explica que a etnografia é acima de tudo geradora de um estudo cultural, um recurso privilegiado para investigações que buscam apreender as ações, os significados e os conhecimentos culturais que determinados grupos usam para produzir e interpretar as suas atividades cotidianas nos diferentes contextos da participação social.



Nessa trilha de proposições, os pressupostos antropológicos, baseados na teoria do “Ponto de vista do nativo”¹⁵ e Malinowski (1884-1942), segundo Peirano (1995), descaracterizaram a antiga ideia eurocêntrica de que o pesquisador necessitaria afastar-se do objeto a ser estudado, imprimindo uma nova perspectiva que diminuísse as desigualdades postas entre o pesquisador e o pesquisado, ou seja, provocando a aproximação ao máximo do campo para que a produção de dados fosse mais ativa e completa. Neste sentido, uma das maiores contribuições de Malinowski é a introdução do termo “nativo”, que no século XX passa a ganhar força e aceitação entre os pesquisadores.

O termo é complexo, mas, segundo os pressupostos antropológicos, em síntese, os estudos desta perspectiva devem se interessar pelas sociedades humanas independentemente, todas e qualquer uma delas. Investigar o nativo, portanto, se refere a análise do outro social com toda a sua *alteridade, singularidade e outredade* (URIARTE, 2012).

¹⁵Em 1914, Bronislaw Malinowski, um jovem polonês, fazendo o seu doutorado em Antropologia na London School of Economics, foi parar nas ilhas Trobriand, onde ficou mais de três anos, aprendeu a língua nativa, colocou sua tenda no meio da aldeia deles e conviveu dia após dia entre os trobriandeses. Dessa experiência nasceu, em 1922, o livro *os Argonautas do Pacífico ocidental* e, com ele, a primeira formulação do que é o método etnográfico. Essa longa estadia fez Malinowski refletir sobre o método que vinha sendo usado pela antropologia. Tratava-se, agora, ele propunha, do antropólogo conviver um longo período entre os “primitivos” que queria entender até passar despercebido por entre eles (ele acreditava que isso fosse possível). Somente essa experiência de trabalho de campo lhe permitiria captar o que ele chamou de “o ponto de vista do nativo”, essencial para conseguir uma visão completa do universo nativo. Podemos deduzir facilmente que, ao conviver com os nativos e lhes conceder a palavra sobre si mesmo, a antropologia do século XX foi se tornando cada vez menos etnocêntrica, ou seja, o discurso sobre o Outro – que é a antropologia – deixou de ser centrado na sociedade do pesquisador e passou a ser relativizado com a vivência entre os nativos e sua visão deles mesmos (Cf. URIARTE, 2012).



O método etnográfico, assim, se torna inseparável da própria antropologia, definida por Márcio Goldman (2006, p. 167) como “o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal”.

Partindo desta perspectiva antropológica e vislumbrando as características trazidas pela sociologia da infância e pressupostos defendidos por Corsaro (2011) a respeito da pesquisa etnográfica no estudo de crianças, percebemos o quanto de esforço é se faz necessário da parte do pesquisador para que possa captar e interpretar todas as interfaces dos acontecimentos sociais de forma microscópica e holística, ao mesmo tempo em que também participa das ações junto aos integrantes dos estudos.

É nesta perspectiva que Corsaro (2011, p. 63) explica que a “etnografia é um método eficaz para estudar as crianças, porque muitos recursos de suas interações e culturas são produzidos e compartilhados no presente...” A este respeito o autor chama atenção para vantagens da etnografia quando explica que:

A etnografia envolve um trabalho de campo prolongado no qual o pesquisador obtém acesso a um grupo e realiza observação intensa durante meses ou anos. O valor da observação prolongada está em o etnógrafo descobrir como é a vida cotidiana para os membros do grupo – suas configurações físicas e institucionais, suas rotinas diárias, suas crenças e seus valores e a linguística e outros sistemas semióticos que medeiam essas atividades e contextos (CORSARO, 2011, p. 63).

Alguns autores chamam a atenção para a importância do princípio da reflexividade na pesquisa do tipo etnográfica (PINTO e SARMENTO, 1997; CORSARO, 2011, por exemplo). Na opinião dos teóricos citados, a reflexividade investigativa é alcançada por um diálogo interno e constante no encontro com o outro, através do que os pesquisadores constroem e questionam suas interpretações das experiências de campo. Nesse sentido, o dado de pesquisa é construído, não existe independentemente do observador: é este que o eleva ao status de dado, como fruto de sua reflexão, de sua sensibilidade e, em última análise, de sua interação com os fatos observados (PEDROSA e CARVALHO, 2005).



Levando em consideração portanto a metodologia etnográfica, a aceitação do pesquisador pelas crianças e suas educadoras não se dá de forma automática, mas, sim, através de um processo onde precisam ser levados em consideração, conforme recomendaram os autores da área, alguns princípios, quais sejam: a) antes de iniciar a pesquisa, é preciso deixar muito claro seu objetivo e o papel dos pesquisadores; b) é preciso cuidado com as informações recolhidas, para não expor as crianças e torná-las vulneráveis após ouvi-las; c) é importante evitar questões que possam provocar reações de estresse e sofrimento emocional para as crianças; e d) o pesquisador precisa ter conhecimento e respeito da cultura local (CAMPOS, 2008).

Sabendo-se de tais pressupostos, desde a entrada de campo, buscamos colocar tais princípios em prática, vislumbrando uma aproximação processual, mas respeitosa com as crianças e os demais adultos do contexto pesquisado. Vale ressaltar que a escuta dos adultos próximos nos proporcionou um melhor conhecimento do contexto cultural e social das crianças, ajudando-nos a melhor compreendermos algumas ações ou comentários do grupo infantil.

Nesse sentido, fomos nos aproximando socialmente das crianças sem urgência, nos colocando em relação de parceria com as mesmas em vários momentos das suas atividades cotidianas. Às vezes, não era possível uma interação mais próxima como um “adulto-atípico” (CORSARO, 2011), tendo em vista que, por vezes, as educadoras nos solicitavam para agir como “tias”¹⁶.

Contudo, aos poucos, a nossa presença foi sendo aceita no grupo de crianças, que começaram a nos receber muito bem, inclusive, guardando um lugar para que pudéssemos sentar em suas companhias. Nessa aceitação gradativa também ocorriam retrocessos, pois o humor do grupo, as atividades realizadas pelas educadoras, a organização do espaço físico, a disponibilidade de materiais, enfim, diversos fatores influenciavam os comportamentos das crianças dentro do contexto e refletiam na nossa observação ou na atividade que havíamos programado para o dia.

¹⁶Assim eram denominadas as educadoras da creche pesquisada.



Com os adultos profissionais, inicialmente percebemos que a nossa presença era um pouco incômoda e causava bastante desconfiança, apesar de termos explicado a cada educadora do grupo, à direção e à coordenação da creche qual era o nosso objetivo de pesquisa. Inclusive, em alguns casos, quando afirmávamos que iríamos ouvir o que as crianças tinham a dizer a respeito do cuidar/educar na creche nas práticas educativas das suas educadoras, algumas riram e uma delas, com certo receio, disse: – *Vixe, Maria, o que esses meninos vão dizer da gente?*

Tal desconfiança foi cessando ao longo do tempo. Sanadas as resistências iniciais, ao longo dos oito meses de permanência com o grupo, fomos conhecendo e nos aproximando socialmente de todos os adultos profissionais da creche, desde a equipe de direção até as servidoras da lavanderia, o que nos propiciou uma circulação por todos os espaços da instituição sem gerar constrangimentos; todos os adultos nos conheciam. No nosso terceiro encontro na creche, solicitamos participar de uma reunião com a direção e professores da instituição, no que fomos atendidas e aproveitamos o momento para apresentar-nos a todo grupo. A partir de então, participamos de quase todos os eventos da creche, inclusive as ocasiões de comemorações e reuniões. Durante os meses que se sucederam, ainda escutamos perguntas como: – *Você vai trabalhar agora aqui? – O que você pergunta às crianças? – Eles estão acertando responder?*

As crianças também estavam bastante curiosas sobre a nossa presença constante e, sempre que íamos embora, elas perguntavam se iríamos voltar. A partir de então, começamos a perceber que elas, gradativamente, estavam nos inserindo na sua rotina. O episódio descrito abaixo revela esta constatação.

Episódio 04: Senta aqui.

Participantes: Pesquisadora; Cuidadora 02; Fernando (04 anos e 02 meses).

Localização: Diário de Campo 03 / Terceiro encontro / Data da coleta: 06/06/13.

Descrição: A pesquisadora chegou à sala às 08h00 e encontrou as crianças sentadas em semicírculos nas carteiras, cada uma com um livro de histórias na mão. Ao adentrar a sala, alguns manifestaram-se através do olhar dirigido à pesquisadora, mostrando-se



alegres com a sua chegada. A pesquisadora cumprimenta as crianças. Neste momento, Fernando se levantou, pegou na mão da pesquisadora e a dirigiu para uma carteira vazia ao lado dele, demonstrando que ela deveria sentar ali. A pesquisadora achou fantástica essa atitude e mostrou-se receptiva às indicações do garoto e sentou-se na cadeira indicada. Depois de sentada, algumas crianças vieram falar com ela, mas eram advertidas pela educadora de que deveriam continuar sentadas folheando os livros. A pesquisadora ficou curiosa com os livros e pediu para Fernando o livro que já conhecia: *O morango, o ratinho e o Grande Urso Esfomeado*, para folhear (Fonte: Arquivo da Pesquisa – Diário de Campo, 06/06/13).

A descrição acima mostra um pouco como as crianças estavam aceitando a pesquisadora no espaço delas, mas também desvela uma grande dificuldade no que diz respeito à possibilidade de autonomia nas ações das crianças, que foram algumas vezes interpeladas, obstruindo, assim, o canal de relação social entre crianças e pesquisadora.

Aconteceram muitos momentos espontâneos das crianças, que mostravam indícios da nossa aceitação no grupo. Por exemplo, as crianças frequentemente estavam querendo mostrar para a pesquisadora as novidades que havia acontecido nos dias em que ela não estava na creche, como aconteceu no caso do cartaz do Bumba meu boi produzido pela professora e colado na parede da sala e que elas fizeram questão, assim que chegamos à sala, de nos mostrar, além de cantar a música do Boi que a professora havia ensinado para que nós aprendêssemos também. Aproveitamos a oportunidade para tirar foto do mesmo e todos queriam ver a foto na máquina.

A certa altura, eles já sabiam que queríamos saber sobre as “tias” e nos chamavam no canto da sala, como se estivessem fazendo uma “fofoca” sobre o que a “tia” fez ou falou nos dias que não estávamos presente no grupo. Ouvimos alguns depoimentos marcantes, em momentos que não estávamos com o gravador ou a câmara. Em tais ocasiões, deixávamos que as crianças falassem em seus rompantes de evocação.



A linguagem utilizada pelas crianças para com a pesquisadora também foi se aproximando mais de um diálogo, nos dando pistas de que começavam a confiar na nossa presença e perspectivas de escuta.

Muitas crianças nos tinham como uma “tia” eventual e demonstraram nossa aceitação em vários momentos da pesquisa. Michel (03 anos e 08 meses), após apreciar um cartaz que construímos em parceria com as crianças do grupo em uma das atividades desenvolvidas na qual utilizamos as fotos das “tias”, ele nos perguntou: – *“Tia, está bonito, cadê você?”* (Diário de Campo – 30/10/13).

Em outra atividade que desenvolvemos, solicitamos que as crianças desenhassem as suas “tias”. Das 23 crianças que participaram dessa atividade, 06 desenharam a pesquisadora também. Quando a pesquisadora pergunta a Hevelyn (04 anos e 05 meses) o que ela fazia para ser “tia”, a garota lhe respondeu: *Você é a tia que tira foto!* (Diário de Campo, 13/11/13).

Não apenas algumas crianças identificavam a pesquisadora como “tia”. A certa altura, um dos adultos profissionais da creche nos certificou desta desconfiança. Uma das cozinheiras da creche nos viu de longe e queria falar conosco, então se dirigiu desta maneira: – *Ô tia do grupo lá de baixo!*

Entretanto, o que nos deixou mais gratificada foi a nossa aceitação como um “adulto atípico” (CORSAIRO, 2011), que, mesmo não saindo do seu lugar de adulto, estava o mais próximo possível das ações das crianças. Neste sentido, dois episódios certificam a nossa aceitação. Descreveremos abaixo:

Episódio 05: Vamos almoçar!

Integrantes: Pesquisadora; Joice (03 anos e 11 meses).

Localização: Diário de Campo 12 – Painel com as fotos das professoras e outros acontecimentos.

Descrição: A pesquisadora despediu-se das crianças e as deixou almoçando no refeitório, mas, ao chegar ao portão, sentiu sede e retornou para beber água. Joice, estava almoçando e, ao vê-la, começou a dar comandos, como se fosse uma das “tias” da creche:



– *Você não vai beber água, você vai almoçar e dormir, dormir bem, viu?* (Diário de Campo, 23/10/13).

Neste episódio, nos sentimos muito acolhida, como se fossemos uma “criança-grande” do grupo e que deveria não ir embora, mas, sim, seguir a rotina instituída pelas educadoras. Joice demonstrou nos ver como um dos seus pares. Voltamos, sentamos perto da garota e explicamos os motivos da nossa partida, o que foi compreendido e aceito naquele momento pela mesma.

Outro episódio muito significativo diz respeito ao diálogo que estabelecemos com Carlos Felipe, no qual a expressão “criança-grande”(CORSARO, 2011) nos foi atribuída.

Episódio 06: Você!

Integrantes: Pesquisadora e Carlos Felipe (03 anos e 11 meses).

Localização: Diário de Campo 16 – Diálogo com Carlos Felipe – Tem! Você!

Descrição: Hora do banho, momento de espera, as crianças já banhadas estão correndo pela sala. A pesquisadora sentou-se em um canto da sala, no chão, para impedir que algumas crianças subissem na parede inclinada. Carlos Felipe sentou ao seu lado e pediu para ver as fotos da câmera que estava na mão da pesquisadora. Ela o mostrou pacientemente todas as fotos. E então começaram a conversar como dois bons amigos:

Pesquisadora: – *O que você vai fazer agora?*

Carlos Felipe: – *Vou almoçar, depois dormir.*

Pesquisadora: – *E depois de dormir você vai fazer o quê?*

Carlos Felipe: – *Vou almoçar de novo e ir embora.*

Carlos Felipe: – *E você?*

Pesquisadora: – *Vou para casa almoçar com meu filho.*

Carlos Felipe: – *E seu filho está aonde?*

Pesquisadora: – *Em casa.*

Carlos Felipe: – *Por que você não traz ele?*

Pesquisadora: – *Porque ele tem 11anos e essa creche não é lugar para crianças grandes.*

Carlos Felipe: Ficou me olhando um bom tempo...



Pesquisadora: – *Tem crianças grandes aqui na creche?*

Carlos Felipe: – *Tem! Você!*

A pesquisadora começou a sorrir, a gargalhar, na verdade. Parece que definitivamente tinha sido aceita como uma “criança grande”. A criança também começou a sorrir junto com ela, compartilhando sua alegria (Diário de Campo, 27/11/13).

Concluimos, portanto, tendo como referência diversos autores (CORSARO, 2011; CRUZ, 2008; FARIA et al 2011; GRAUE e WASH, 2003, dentre outros) e a nossa inicial experiência enquanto pesquisadora que faz pesquisa *com* criança e não *sobre* elas, que há que termos um investimento baseado em pressupostos teóricos, mas também características como proximidade, flexibilidade, disposição, autocorreção e sensibilidade, a fim de ouvir verdadeiramente às crianças tendo-as como parceiros de investigação e como coautores e construtores de saberes que dizem respeito as suas vidas sociais e culturais em contexto.

REFERÊNCIAS

- ALDERSON, P. As Crianças Como Pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação & Sociedade**. Sociologia da Infância: pesquisas com crianças, Campinas, v.26, p. 419-442, mai./ago. 2005.
- CAMPOS, M. M. Porque é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p.35-42.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- _____. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**. Dossiê Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. Campinas, vol. 26, n.91, p.443-464, mai./ago. 2005.
- _____. Ação coletiva e agência nas culturas de pares infantis. In: FERREIRA, M.; SARMENTO, M. J. (Orgs.). **Antropologia de textos em sociologia da infância**. Porto: ASA, 2004.
- CRUZ, S. H.V. (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B; PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.
- GOLDMAN, M. Alteridade e experiência antropológica e teoria etnográfica. In: **Revista Etnográfica**. Vol. X(1), 2006, pp. 161-173. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_10/N1/Vol_x_N1_08-Goldman-AEVO.pdf>. Acesso em: 19 dez, 2013.
- GRAUE, E.; WALSH, D. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- KRAMER, S. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: BAZILIO L. C., KRAMER, S. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 51-81
- LEE, N. Vozes das crianças, tomada de decisão e mudança. In: MÜLLER, F. (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010.
- PEDROSA, M. I.; CARVALHO, A. M. A. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.18, n.3, p. 431-442, 2005.
- PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Coords.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.
- PROUT, A. Participação, políticas e as condições da infância em mudanças. In: MÜLLER, Fe. (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. In: SARMENTO, M. J; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e miúdos – perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.
- SOARES, N. F. et al. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. **Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho**, Minho, n. 8, p. 2, ago. 2004.
- URIARTE, U. M. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**. 2012. Disponível em: <<http://www.pontourbe.net/edicao11-artigos/248-o-que-e-fazer-etnografia-para-os-antropologos>>. Acesso em: 11dez.2013.
- ZAGO, N, CARVALHO, M. P; VILELA, R. A. T. (Orgs.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.